CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

312 Em virtude da portaria de 7 do passado ficaram a cargo da Companhia das Obras-públicas não so as estradas de Lisboa a Torres-Vedras, e do Carregado a Alcobaça, por Alemquer, Obidos e Caldas, que ja lhe cumpria construir ou melhorar; mas tambem as estradas de Torres-Vedras a Alhandra, de Torres-Vedras a Obidos, e d'Alcobaça a Leiria.

Entre éstas, o ramal d'estrada que une Torres-Vedras ao Tejo, parece-me de tamanha importancia que, louvando o pensamento de todas as outras, não posso deixar de me occupar mais especialmente d'esta.

O concelho de Torres-Vedras é talvez de todo o paiz o de maior producção de vinhos. A exportação d'este para Lisboa faz-se de duas maneiras, ou por terra directamente, ou por terra ao Tejo e depois por agua até Lisboa. A conducção directa é feita quasi toda por cavalgaduras, e sahe summamente cara, não importando em menos de 4$800 réis por pipa, e n'alguns annos muito mais; de maneira que ha annos, quando acontece ser baixo o preço do vinho e subir a importancia da conducção, que ésta é igual por pipa ao custo do vinho. Os carros raras vezes podem ser empregados n'estas carregações, e essas poucas so de verão. Tudo isto é assim pelas más estradas que até hoje tem havido.

Ja temos porém um exemplo de quanto podem e valem as boas vias de communicação. Na estrada que a Companhia das Obras-públicas toma agora a seu cargo, d'Alhandra a Torres-Vedras, ja estão feitas duas leguas, d'Alhandra a Arruda, por conta da Repartição das Obras-públicas, e á macdam; que é um troço d'estrada que deve servir de modèlo, e póde ser que seja a melhor que exista no reino todo: ora esta pequena porção d'estrada contribuiu para que este anno apparecessem n'Arruda nem menos de nove compradores de vinho, quando d'antes, n'esta estação, costumava ser um, e não passava de dois. D'Arruda a Torres-Vedras vão apenas tres leguas, que é quanto resta a fazer d'estrada, de facil execução e pouca despeza, para communicar em linha recta Torres-Vedras com o Tejo. Mas ésta estrada não servirá so para as communicações entre estes dois pontos, facilitará tambem a dos concelhos d'Arruda, Sobral, Rebaldeira, e todos os convergentes desde a beira-mar até Lisboa, por intermedio do Tejo. Todos estes concelhos fornecem a capital não so de vinho, mas ainda de todo o genero de fructa, cereaes, algum azeite, aves e caça, ovos etc.

Isto é pelo que respeita ao ramal d'estrada que cortará ésta parte da Extremadura que fica entre o Tejo, defronte d'Alhandra, e o Oceano; mas uma parte d'estas vantagens, e outras novas, se obterão tambem pela estrada directa de Lisboa a Leiria, passando por Torres-Vedras, Obidos, Caldas e Alcobaça. Das tres estradas que ficarão assim communicando Lisboa com Coimbra, a que vai pela borda de Tejo, dita velha, a que vai pelo centro dita nova, e ésta mais sôbre a beira-mar, que se póde chamar novissima, parece-me que será d'ellas a mais util; porque ainda que a distancia se augmentará por este modo, obra de legua e meia, comtudo ésta pequena desvantagem é de tal maneira compensada pela somma d'utilidades commerciaes, e mesmo de commodidades de transito, porque ésta estrada atravessará grande número de povoações ferteis em quanto que as outras cortam aridos desertos, que ninguem, penso eu, cuidará siquer n'essa insignificante differença de distancia.

Fallando n'estes pontos proximos a Lisboa, acho eu que devo lembrar a estrada-real que vai a Bellas, Meleças etc. cortando um solo todo povoado de quintas, e consequentemente de bastante transito e commercio, mormente de laranja, cal etc.: estrada que se acha intransitavel completamente para carros, e quasi que para cavalgaduras, e n'alguns sitios, como *volta do zambugeiro* e outros, até para gente de pé. Todos os moradores d'estes logares pagam seus direitos de producção, propriedade etc., e além d'isso o respectivo imposto d'estradas; no emtanto a sua propriedade diminue progressivamente em valor, a sua producção perde-se, os seus rendimentos cessam! N'este caso nem elles podem pagar os impostos nem de boa-mente o hão de fazer nunca visto que d'elles não sentem o proveito immediato. Consta-me que não ha nenhum proprietario d'aquelles sitios que não esteja prompto a auxiliar com todas as suas fôrças, dinheiro, trabalho, materiaes ou carretos, a reparação d'esta estrada; e assim, o que em todo o caso seria censuravel n'este se torna flagrantemente injusto, deixando de acudir a ésta necessidade-pública, e aos votos de contribuintes que teem seus direitos sacratissimos de serem attendidos e ajudados.

Como hoje tracto d'estradas não concluirei sem chamar ainda a attenção para o que sôbre as estradas do Minho tenho lido n'algumas correspondencias. Queixam-se de má direcção na maior parte dos trabalhos, de projectos menos bem-pensados de delineamentos de certas estradas, desperdicios, excessos de pagamento d'algumas expropriações, pouca solidez ás vezes, falta d'inspecção por parte do govêrno etc.

O tributo das estradas é o mais pesado que se tem lançado sôbre o nosso povo, e este tributo reverte todo em proveito d'uma Companhia, que, em compensação do adiantamento dos seus fundos, cobrará depressa a melhor parte do producto d'elles nos direitos de transito, vehiculos de transporte, outros exclusivos etc. Dois deveres gravissimos ha pois a desempenhar n'estas circumstancias muito importantes: — A rigorosa fiscalisação, inspecção e sabedoria, da parte do govêrno — e a indispensavel sisodesa, aptidão e intelligencia, da parte da Companhia para exercer a grandiosa missão de que se encarregou e de que necessita bem possuir-se, dando boa-conta do mui serio encargo que lhe pésa.

DO EXERCICIO DA PHARMACIA. (*)

(Conclusão.)

313 Será util conservar as duas ordens de pharmaceuticos, uns habilitados nas escholas outros pelos jurys?

A opinião pública tem-se ha muito tempo pronunciado contra a instituição dos jurys: entretanto algumas pessoas parecem acreditar que a suppressão d'esta instituição deve produzir uma diminuição no numero dos pharmaceuticos de fóra das cidades, e que as populações ruraes devem vir a soffrer grande falta dos

(*) Vid. n.º 21, pag. 224.

estabelecimentos de pharmacia. Ésta questão é grave e é necessario verificar se estes receios são bem fundados, e porque meios se poderá conciliar a vantagem d'um exercicio esclarecido da pharmacia com a necessidade de não restringir muito o numero de pharmaceuticos.

O último codigo pharmaceutico publicado em 1836 não deixou de estar a par do estado actual da pharmacia? e não será necessario ser revisto durante o anno de 1846?

Uma tabella legal dos preços dos medicamentos será util e possivel com a organisação actual da pharmacia?

Terá logar reclamar algumas modificações ás modificações fixadas pela lei em favor dos pharmaceuticos encarregados dos ensaios judiciarios?

A responsabilidade dos pharmaceuticos está convenientemente determinada? as condições a que ella está subjeita são de justiça?

Os regulamentos relativos á venda dos venenos em relação á pharmacia ou ás artes, precisa ser revista? e de que modificações são susceptiveis?

A penalidade applicada ao exercicio illegal da pharmacia está em relação com a gravidade do delicto?

Convém assimilhar ao exercicio illegal o exercicio por nome emprestado? e no caso que ésta assimilhação seja admittida, quem emprestou o seu nome e diploma, e o verdadeiro proprietario da officina, não devem ser subjeitos ás mesmas penas?

As condições exigidas aos pharmaceuticos extrangeiros para exercerem em França não são prejudiciaes aos nacionaes? Indicar o que deve fazer-se a este respeito.

Estando reconhecida insufficiente, para a repressão dos abusos que estorvam o exercicio da pharmacia, a legislação actual, deve indicar-se o meio como a legislação deve evitar estes abusos e delictos mais facilmente, procurando que as leis novas preencham as lacunas que tem as velhas.

Os annuncios de medicamentos devem ser proscriptos absolutamente, ou devem ser auctorisados dentro de certos limites?

O mesmo a respeito das especialidades, dos remedios secretos e das associações entre os medicos e pharmaceuticos, associações que se manifestam ou pelos gabinetes de consulta que aquelles tem junctos ás officinas parmaceuticas, ou pela redacção mysteriosa que dão ás fórmulas e o emprego de termos e signaes particulares, que não podem ter uma interpretação commum; ou pela accumulação ou pelo exercicio simultaneo da medicina e pharmacia: tendo sido bem provada pela experiencia ésta incompatibilidade, um decreto especial a prohibiu, ficando preenchida ésta lacuna que havia na lei.

Os meios que o governo e as escholas empregam para evitar a usurpação que se faz exercitando a pharmacia sem titulo legal, são sufficientes e em relação com as condições onerosas que são impostas aos pharmaceuticos?

Esta insufficiencia (se existe) não é um perigo público, em vista da posição precaria a que são reduzidos os verdadeiros pharamceuticos!

Os herbularios devem ser supprimidos ou simplesmente modificados?

Sendo os medicamentos para uso da medicina humana e veterinaria, da mesma natureza, são incontestavelmente do dominio da pharmacia: poderão pois os veterinarios arrogar a si o direito de os preparar e vender, ou deverão elles limitar-se a prescrevêl-os?

Sendo imposto como obrigação de todo o pharmaceutico ter em sua officina, á disposição do publico, um certo numero de medicamentos simples e compostos, será possivel a existencia d'algumas pharmacias denominadas especiaes, que se limitem á prepararação de um pequeno numero de medicamentos?

Não é insufficiente a legislação actual para proteger os direitos dos pharmaceuticos contra os concorrentes illegitimos, e particularmente contra alguns estabelecimentos de caridade? Devem notar-se os principaes abusos d'este genero e indicar os meios de os acabar.

A limitação do numero de pharmaceuticos póde ser admittida em direito? Sobre que bases sería necessario fundál-a.

As condições com que os pharmaceuticos obtem seu diploma e direito de exercer a pharmacia, a responsabilidade e vigilancia em que sempre andam, offerecem garantias serias e multiplicadas?

Em troca d'estas garantias a lei não deve e não póde, sem perigo, accommodar ao pharmaceutico o direito de preparar e conservar em suas officinas, e dar ao publico, todos os medicamentos e productos naturaes, e chymicos que se empregam na arte de curar, sem restricção alguma?

Ésta liberdade não será necessaria, se se considera a omnipotencia dos medicos no exercicio de sua profissão, e no emprego de todos os agentes que a natureza põe á disposição dos homens para combater as doenças? Ésta questão é grave; deve fazer parte das reclamações que mostram a liberdade que reclama o exercicio da medicina, e as garantias que devem proteger a saude e vida dos cidadãos,

O exercicio da pharmacia nos hospitaes civís offerece todas as garantias que se devem exigir? Acham-se convenientemente determinados a posição e deveres do pharmaceutico em chefe, dos alumnos internos e externos?

Deve examinar-se as relações que existem entre os pharmaceuticos e os dispensarios, e instituições de benificencia e soccorros mutuos.

Considerar a questão da associação entre os pharmaceuticos debaixo de qualquer d'estes pontos de vista — Sciencia dos soccorros mutuos, da moralidade, e interesses da profissão.

Será conveniente formar conselhos de disciplina encarregados de vigiar que o exercicio da pharmacia se faça sempre com dignidade e não saia jamais dos limites marcados na legislação? Examinar-se-ha pois:

1.° Quaes serão suas vantagens e inconvenientes.

2.° Qual a organização e attribuição que se lhe deve dar.

3.° Que modificações deve ter, segundo a pharmacia se exercita nas cidades ou nos campos.

Os conselhos medicos e sua organização em relação á academia-real de medecina e á dos pharmaceuticos publicada em 1844, não preencherá o fim desejado?

Com impaciencia esperâmos os jornaes d'este mez para sabermos o estado em que está a discussão sôbre alguns d'estes quesitos.

Lisboa 20 de novembro de 1845.

José Tedeschi.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA (*).

314 Aqui estamos de novo reunidos para disfructar a formusura e os incantos das nossas plantas. A manhan está serena e agradavel como costumam ser sempre as da primavera, estação de vida e alegria para todos os seres organisados. Ancioso pela fruição de tantas bellezas não haveis esperado que o sol sahisse do horisonte, antecipastes a vossa á sua carreira; esperaremos porém um pouco até que se nos abra a porta de ferro que estabelece a communicação entre o horto-botanico e o pateo das aulas. Lançando um golpe de vista sobre ésta área, que apenas tem trezentos e oitenta pés de comprido e duzentos e dezoito de largura, não se póde por certo imaginar a variedade e multiplicidade de plantas que tam folgadamente aqui vejetam.

Cento e sette familias das que mais directamente interessam á saude da humanidade pelas suas propriedades, se acham aqui methodicamente dispostas. E n'estas familias, n'estas associações amigaveis de pais e filhos, de irmãos e amigos, figuram seres de todas as naturezas, de todas as jerarchias, de todos os climas. Um ceu propicio e bemfazejo protege e defende, n'este nosso clima, plantas de todas as regiões; as que nasceram entre torrões de gêlo que enturpecia a sua seiva, as que experimentaram o calor excessivo do sol na zona torrida, as do Sul e do Norte, bem como as do Meio-dia, todas se reunem aqui e desfructam prazeres que não possuiriam se ainda estendessem seus ramos sôbre a terra que lhes serviu de berço.

Soffreram, é verdade, a cruel separação que as fez abandonar a sua terra, o ceu que ja conheciam, o solo que primeiro as nutriu; mas acharam n'um clima extranho entes que lhe são similhantes, para lhes darem o abraço d'amizade; vieram unir-se áquellas que mais identicas lhes eram, formando assim uma serie em que as analogias e dissimilhanças claramente se manifestam.

A idea de classificar foi uma sublime inspiração.

Os philosophos estudando o homem intellectual, bem como o homem physico, reconheceram e proclamaram ésta necessidade. Condillac, por exemplo, mostrou até á evidencia quanto se necessitava d'este *grupamento* de ideas e objectos, para que os nossos mesmos conhecimentos se não tornem causa de ignorancia. É porém nas sciencias naturaes que ésta precisão se torna imperiosa e claramente manifesta. Imagine-se um homem que estudando o vasto campo zoologico desprezasse toda a classificação, todo o methodo; por certo encontraria a par do homem a monada, juncto do peixe o insecto, a ave ao lado do reptil: que triste confusão!

E se se voltasse para o campo vejetal, deslumbrado pela immensa variedade de tantos individuos, pela riqueza de seus trajos, pelo diverso de suas fórmas, ver-se-ia perplexo quando pertendesse individualizar uma planta, extremando-a de todas as outras que crescessem juncto d'ella.

A Hipocrates não sería difficil classificar trezentas plantas; qualquer pessoa póde individualmente conhecer trezentos objectos: o mesmo Theophrasto classificando quinhentas não podia achar-se muito embaraçado. Mas a voz do Creador magestosa e omnipotente, a voz formidavel do *Crescite et multiplicamini*, tinha echoado em todos os angulos da terra. No cume da montanha mais elevada; no vertice do seixo onde apenas podia pousar o pé da aguia quando voltasse de affrontar o sol com o seu vôo; no mais profundo pégo onde com difficuldade desceria o homem; na planicie e no valle; por toda a parte a mollecula organica, o atomo imperceptivel da terra, a gotta pequenina da agua, se combinavam debaixo da benefica influencia das fôrças da natureza, e os montes, os valles, os pegos, os campos, se ufanavam com o primoroso adorno que mão incognita lhes liberalisava, para disfarçar tanta nudez e feialdade.

O botanico viu surgirem-lhe de toda a parte immensos seres; uns como gigantes, outros humildes e rastejando; alguns esbeltos pela belleza de suas flores, outros tristes e melancholicos, e todos dissimilhantes e desiguaes. A contemplação mais profunda, o estudo mais aturado, seriam baldados esforços para reter na memoria characteres que destinguissem entes que em tanta profusão cobriam a terra.

Foi assim que se experimentou a necessidade de dispor as plantas de uma maneira que tornasse facil o seu estudo, de as methodizar ou classificar. Gesner foi o primeiro que tal fez, Cesalpino, Bauhin, Garcia da Horta, e Mognal, classificaram tambem até á epocha em que appareceu o methodo de Tournefort. Ja tereis ouvido fallar n'este celebre toxonomico: José Pitton Tournefort occupou a cadeira de botanica do jardim-das-plantas quando reinava Luiz XIV; foi este monarcha que o commissionou para o Levante, onde elle bastante estudou os vejetaes. O amor que consagrava á sciencia das plantas o levou a examinar differentes paragens, contrahindo assim estreito conhecimento com aquelles mesmos seres que pouco antes tinha classificado. Tournefort foi profundamente impressionado pela belleza dos vejetaes, e pela elegancia das suas fórmas; no seu methodo attendeu so á consistencia do caule, á regularidade dos involucros floraes, á reunião ou isolamento de muitas flores, á maior ou menor regularidade com que esses hábitos tam bellos e tam vistosos se reproduziam nos diversos seres.

O nosso toxonomico, seduzido pelo que ha de mais bello no reino vejetal, pela pompa e elegancia das flores, baseou a sua classificação em uma parte do vejetal, que pela delicadeza e variado das fórmas, nem sempre é possivel cabalmente distinguir. As plantas, deixai-me assim dizer, assimelham-se ás nossas damas, nem sempre a belleza de seus adereços as satisfaz, cobiçam a simplicidade quando apparatozas, humilham-se de serem mediocres quando outras mais magnificas se lhes appresentam.

Semiai no vosso jardim sementes escolhidas dos mais bellos melindres; guardai com esmero as raizes dos rainunculos, transportai para a vossa terra com todo o cuidado a roseira-do-Japão, e dizei-me se incontrais sempre individuos que correspondam á vossa esperança, ao vosso trabalho. Comtemplai bem a corolla da primeira planta que vos subministrou a semente, e esperai a metamorphose d'esse pequeno individuo, que prodigiosamente hade renascer da terra depois de germinar: contai as suas pelatas, as suas cepalas, attendei ás côres que as matizam, e dir-me-

(*) Continuado de pag. 267.

heis que o filho não corresponde ao pae, que a semente vos gerou um ente diverso. É porque estes orgãos se modificaram, e o ente até agora orgulhoso com seus ornatos agora se humilha não podendo ostentar a perdida gentileza.

Isto basta para mostrar-vos que o professor Tournefort não creou um methodo que tocasse o ponto mais culminante da perfeição. Até então não tinha apparecido outro melhor; mas depois d'elle o sabio Linneu pôde crear um systema que enthusiasmou a Europa toda, que arrebatou todos os espiritos, que reuniu o poetico com o natural, e que abrangendo a historia e descripção da parte mais interessante da planta—a flor, contém tambem a representação fiel dos seus amores, da sua vida interna, de tudo o que ha de mais interessante no seu viver.

A Suecia teve um naturalista poeta, da mesma maneira que a França teve o seu Tournefort; mas Linneu foi mais feliz porque nos melodiosos versos de Byron ensinou a botanica ás damas.

Linneu despresou os orgãos, que o classificador francez tinha proferido, deixou o que havia d'ideal para se lançar todo no positivismo. Contemplou a vida triste e melancholica do homem solitario, os prazeres do que se regozija com seus similhantes, os deleites do esposo, e o censuravel excesso do polygamo, e vendo tudo o que ha de mais escondido na vida, classificou as suas plantas segundo a maneira porque seus estames se encontram, não so em relação aos outros orgãos mas tambem a respeito do logar que occupam. O seu systema foi uma sublime creação do genio, um raio do fogo poetico que o inspirava, uma d'aquellas producções que immortalizam o seu auctor.

Ora, talvez vos admire se me ouvirdes dizer que o nosso horto-botanico não está classificado por nenhum d'estes methodos.

Sem dúvida que reunem elles muita belleza, eram optimos até certo ponto, mas não são naturaes. Vôs sabeis que o grande desejo dos naturalistas é conseguir estabelecer os grupos naturaes, collocar os seres segundo o seu maior número d'affinidades, e separar aquelles que mais se distinguem. Se não fosse este o melhor methodo, possuiamos então a modificação a Linneu pelo nosso Dr. Brotero, que por muitos motivos deviamos preferir, sendo de todos o maior a sua sciencia botanica e o seu muito amor patrio. Brotero foi um d'aquelles homens que a natureza protege, e o genio inspira, mas contra quem a ignorancia pugna. Mas o systema seguido e coordenado por Brotero era ainda artificial tinha tambem os deffeitos que ja mencionei.

Linneu, apesar de toda a belleza do seu trabalho não impediu que outras classificações se appresentassem; e depois da sua, a que veio satisfazer quasi todas as necessidades da sciencia foi o methodo natural de Jussieu. Lourenço de Jussieu foi o primeiro que appresentou no seu *Genera plantarum* uma classificação natural, resultado dos trabalhos e vigilias de quarenta annos, a que Bernardo de Jussieu se tinha condemnado, bem como dos estudos posteriores de seu sobrinho.

O celebre Raspail, o grande organographico e grande phisiologico, o homem para quem o microscopio foi inventado da mesma maneira que o prisma para Newton, o creador da theoria spiro-vesicular tambem nos deu uma classificação. N'esta empreza porém foi elle menos feliz: a corôa que adquiriu cultivando e enriquecendo o campo da organographia e physiologia vegetal, não lhe compete com tanta justiça a respeito da sua classificação em que pertendeu grupar as plantas ao seu bello-arbitrio. Nenhuma d'estas classificações encontrareis ostentando primazia no nosso horto-botanico. A mesma classificação de Jussieu está hoje um pouco atrazada; mas a sciencia dos vejetaes progride sempre, e se enriquece com a posse de novos individuos. As classificações mais modernas são as que devemos seguir quando satisfazem ás necessidades da sciencia.

De Candolle systematisou as plantas, e com o seu trabalho prestou serviço á sciencia; podêmos dizer que representou a epocha actual da taxonomia. Colligindo trabalhos seus e de seus predecessores, apresentou nos o seu methodo natural perfeito, e facil; pena é não estar concluido. E' pois esse o methodo que ides encontrar no nosso horto, que a todas as outras circumstancias que o tornam digno de estima reune a de ser o primeiro em Portugal que se acha disposto segundo as familias naturaes. O sr. Dr. Bernardino foi pois o primeiro que nos mostrou praticamente a vantagem do methodo sôbre o systema (oxalá lhe sigam o exemplo), e não se contentando com tanto pugnar a favor da sciencia, gostosamente se incumbe de nos insinar com o exemplar vivo e presente, os mais bellos characteres sôbre que se basea ésta classificação.

Que pena seria se um jardim tam util se visse murchar debaixo da cruel influencia de uma ventania atrasadora... Mas a natuzeza não hade ser tam cruel que nos prive assim de uma riqueza tam grande...

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXIV.

Novo Génesis. — O Adam social muito differente do Adam natural. — Carlos sempre um por seus bons instinctos, sempre outro por suas más reflexões. — De como Joanninha receben o primo com os braços abertos, e do mais que entre elles se passou. — Dor meia dor, meia prazer.

315 Formou Deus o homem, e o pôs n'um paraizo de delicias; tornou a formâ-lo a sociedade, e o pôs n'um inferno de tolices.

O homem — não o homem que Deus fez, mas o homem que a sociedade tem contrafeito, appertando e forçando em seus moldes de ferro aquella pasta de limo que no paraizo terreal se affeiçoára a imagem da divindade — o homem, assim aleijado como nós o conhecemos, é o animal mais absurdo, o mais disparatado e incongruente que habita na terra.

Rei nascido de todo o creado, perdeu a realeza; principe desherdado e proscripto, hoje vaga foragido no meio de seus antigos estados; altivo ainda e suberbo com as recordações do pas-

sado, baixo vil e miseravel pela desgraça do presente.

D'estas duas tam oppostas actuações constantes, que ja per si sos o tornariam ridiculo, formou a sociedade, em sua van sabedoria, um systema chymerico, desarrazoado e impossivel, complicado de regras a qual mais desvairada, incontrado de repugnancias a qual mais opposta. E vazado este perfeito modêlo de sua arte pretenciosa, metteu dentro d'elle o homem, desfigurou-o, contorceu-o, fê-lo o tal ente absurdo e disparatado, rachitico, fraco, doente; collocou-o no meio do Eden phantastico de sua creação, — verdadeiro inferno de tolices — e disse-lhe, invertendo com blasphêmo arremêdo as palavras de Deus Creador:

'De nenhuma árvore da horta comendo comerás;

'Porêm da árvore da sciencia do bem e do mal, d'ella so comerás se quizeres viver.

Indigestão de sciencia que não commutou seu mau estomago, presumpção e vaidade que d'ella se originaram — tal foi o resultado d'aquelle preceito a que o homem não desobedeceu como ao outro: tal é o seu estado habitual.

E quando as circumstancias do primeiro estado lhe fazem nascer o desejo de sahir d'este outro, lhe influem alguma aspiração de voltar á natureza e a Deus, a sociedade, armada de suas barras de ferro, vem sôbre elle, e o prende, e o esmaga, e o contorce de novo, e o apperta no equuleo doloroso de suas fôrmas.

Ou hade morrer ou ficar monstruoso e aleijão.

Poucos filhos do Adam social tinham tantas reminiscencias da outra patria mais antiga, e tendiam tanto a aproximar-se do primitivo typo que sahíra das mãos do Eterno, forcejavam tanto por sacudir de si o pesado appêrto das constricções sociaes, e regenerar-se na sancta liberdade da natureza, como era o nosso Carlos.

Mas o melhor e o mais generoso dos homens segundo a sociedade, é ainda fraco, falso e acanhado.

Demais, cada tentativa nobre, cada aspiração elevada de sua alma lhe tinha custado duros castigos, severas e injustas condemnações d'esse grande juiz hypocrita, mentiroso e venal... o mundo.

Carlos estava quasi como os mais homens... ainda era bom e verdadeiro no primeiro impulso de sua natureza excepcional; mas a reflexão descia-o á vulgaridade da fraqueza, da hypocrisia, da mentira geral.

Dos melhores era, mas era homem.

Os seus pensamentos, as suas considerações em toda aquella noite, em todo o dia que a seguíra, na hora mesma em que ia incontrar-se com o objecto que mais lhe prendia agora o espirito, senão é que tambem o coração, todas participavam d'aquella fluctuação inquieta e doentia de seu ser d'homem social, em quem o tibio reflexo do homem natural apenas relampejava por acaso.

Dúvida, incerteza, vaidade, mentira, deslocavam e annullavam a bella organização d'aquella alma.

Assim chegou aopé de Joanninha que o esperava de braços abertos, que o appertou n'elles, que o beijou sem nenhum falso recato de maliciosa modestia, e com o riso d'alegria no coração e na bôcca lhe disse:

— 'Ora pois, meu Carlos, sentemo'-nos aqui bem junctos aopé um do outro e conversemos, que temos muito que fallar. Dá ca a tua mão. Aqui na minha... Está fria a tua mão hoje! E hontem tam quente estava!.. Oh! agora vai aquecendo... tanto tanto... é demais! Terás tu febre?'

— 'Não tenho.'

— 'Não tens, não: a cara é de saude. E como tu estás forte, grande, um homem como eu sempre imaginei que um homem devía ser, como sempre te via nos meus sonhos!.. Que é extranho isto, Carlos: quando sonhava comtigo, não te via como tu d'aqui foste, magro, triste e doente; via-te como vens agora, forte, são, alegre... Mas tu não estás alegre hoje, como hontem; não estás... Que tens tu?'

— 'Nada, querida Joanninha, não tenho nada. Pensava...'

— 'Em que pensas tu? dize-me.'

— 'Pensava na differença dos nossos sonhos: que eu tambem sonhava comtigo.'

— 'Sonhavas, Carlos! E como sonhavas tu? como me vias nos teus sonhos?'

— 'Tudo pelo contrario do que tu. Via-te aquella Joanninha piquena, desinquieta, travêssa, correndo por essas terras, saltando essas vallas, trepando a essas árvores... aquella Joanninha com quem eu andava ao collo, que trazia ás cavalleiras, que me fazia ser tam doido e tam criança como ella, apesar de eu ter quinze annos mais. Via-te alegre, cantando...'

— 'Sonhos de homem! Cream n'elles. Eu que nunca mais ri nem brinquei desde o dia que tu partiste... E oh que dia, Carlos!.. E os que vie-

ram depois! Não houve nunca mais um so dia de alegria n'ésta casa. Oh!.. deixa-me te dizer: Fr. Diniz... Sabes que não gósto d'elle?'

—'Não gostas?'

—'Nada: tenho-lhe aversão. E Deus me perdoe! parece-me que é injusta a minha antipathia.'

—'Porquê?'

—'Porque elle é teu amigo devéras. Um pae, Carlos, um pae não tem maior ternura e desvellos para com seu filho, do que elle tem por ti.'

—'Deus lhe perdoe!'

—'Deus lhe perdoe a quem... e que lhe hade perdoar? O amor que te tem?'

—'Não, mas...'

—'Bem sei o que queres dizer: e tens razão.'

—'Tenho razão!'

—'Tens: o que elle bem precisa que Deus lhe perdoe é um grande peccado.'

—'Que dizes tu, Joanna! E como sabes?'

—'Sei, sei tudo.'

—'Tu!'

—'Eu. Sei que foi elle quem fez cegar minha avó... a nossa boa, a nossa sancta avó, Carlos!.. quem a cegou á fôrça de lagrymas que lhe fez chorar áquelles pobres olhos que, de puro cançados, se apagaram para sempre... Minha ricca avó! — E porquê, meus Deus, porquê!'

—'Porquê?'

—'Por amor de ti, por escrupulos que lhe metteu na cabeça de tu seres mau christão, inimigo de Deus, que te não podias salvar... tu meu Carlos! Vê que cegueira a do triste frade.'

—'Bem triste!'

—'Mas olha que o diz de boa-fé e pelo muito amor que te tem... que é um amor que eu não intendo: e o mesmo é com minha avó, que treme deante d'elle. E mais elle estima-a, estou certa que dava a vida por ella... e por nós todos... por mim não tanto, mas por ti e por ella, dava decerto. Mas o seu amor é dos que rallam, que apoquentam... quasi que estou em dizer que matam.

—'Matam, matam!'

—'Nossa avó é elle que a mata decerto. Sempre a metter-lhe medos, sempre escrupulos! O seu Deus d'elle é um Deus de terrores, de vinganças, de castigos, e sem nenhuma misericordia. Oh! que homem! para elle tudo é peccado, maldade... Não o posso ver.'

Carlos respirava como desopprimido de um grande pêso, ouvindo as explicações da prima que bem claro lhe mostravam a sua perfeita ignorancia dos fataes segredos da familia.

—'E comtigo' disse elle ja n'outra voz mais desaffogada 'comtigo, Joanninha, como se avêm elle, como te tracta?'

—'Commigo não se mette, e rara vez me falla. Mas oh, se elle soubesse que eu estava aqui comtigo, sancto Deus! o que ouviria a pobre da minha avó! Inda bem que hoje não é sexta-feira, senão não vinha eu ca.'

—'Porquê? Ainda vem todas as sexta-feiras?'

—'Sempre o mesmo. Ámanhan ca o temos por peccado, que é sexta-feira.'

—'Não te vejo então ámanhan aqui?

—'Não decerto, aqui. Mas vamos, que a isso é que eu venho ca hoje, para te fallar n'isso... e para te ver, para fallar comtigo, para estar com o meu Carlos... e ao mesmo tempo tambem para ajustarmos como isto hade ser. Quando hasde tu ir ver a avó?.. a nossa mãe; que ella é nossa mãe, Carlos, não conhecemos nunca outra, nem eu nem tu. Quando lhe heide eu dizer que estás aqui? A pobre velhinha está tam doente! Ha quinze dias que se não levanta da cama.'

—'Coitada da minha pobre mãe!.. Oh! se não fosse!.. Deixa estar, Joanninha; um dia será. Por agora não póde ser: bem vês. Como heide eu atravessar as sentinellas dos realistas, ir a um pôsto inimigo? — A minha vida... isso pouco importa, mas a minha honra ficava em perigo: por todos os modos se perdia, e talvez...'

—'Não, senhor, Sr. Carlos, essa desculpa não basta. Vai n'um anno que aqui temos a guerra á porta de casa, e ja sabemos como isso é e como as coisas se fazem. O commandante do nosso pôsto é um homem de bem, um cavalheiro perfeito. Em lhe eu dizendo quem tu es e a que ca vens... elle sabe o estado de minha avó, e tem-lhe muita amizade, da-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança. Pensas que elle não sabe que eu aqui estou comtigo? Pois disse-lh'o eu; so lhe não expliquei quem tu eras; disse-lhe que era um parente nosso que nos trazia noticias de outros, e que precisava fallar-lhe. Não pôs difficuldade nenhuma: é uma pessoa excellente, bom, bom devéras.'

—'É môço o teu commandante?'

—'Môço elle? coitado! Tem bons cinquenta annos, e creio que outros tantos filhos. Mas por que perguntas tu isso? E arqueaste as sobrancelhas com aquelle teu ar de antes quando te zangavas! Porque foi isso, Carlos?'

—'Nada, criança, foi uma pergunta á toa.'

—'Pois será; mas não me franzas nunca mais a testa assim, que te pareces todo... é que nunca vi tal parecença...'

—'Com quem?'

—'Com Fr. Diniz.'

—'Eu com elle!'

—'Tal e qual quando fazes essa cara. Olha: ahi estás tu na mesma. Vamos! ria-se e esteja contente se se quer parecer commigo, que todos dizem que nos parecemos tanto.'

—'Querida innocente!'

E beijou-lhe a mão que tinha appertada na sua, beijou-th'a uma e muitas vezes com um sentimento de ternura misturado de não sei que vaga compaixão, vindo de lá de dentro d'alma com não sei que dor, meia dor meia prazer, que entre ambos se communicou, e a ambos humedeceu os olhos.

(Continúa.) *A. G.*

BIBLIOGRAPHIA.

HISTORIA DE PORTUGAL POR A. HERCULANO.

316 Vai começar-se a publicação d'ésta obra, impressa em excellente papel, com typos novos da imprensa nacional, e no formato de 8.° grande francez.

Não sendo possivel fixar um preço uniforme para todos os volumes, que annualmente, ou quasi annualmente irão sahindo; porque tambem não é possivel reduzir a um número constante as folhas de impressão dos differentes volumes de uma obra historica; far-se-ha, todavia, de modo, que o custo de cada folha nunca exceda para os subscriptores a 40 réis, preço commum das publicações distribuidas ás folhas, e alias impressas em papel de menor formato, e de inferior qualidade.

O tomo 1.° da *Historia de Portugal*, contendo além de uma larga introducção, a historia politica de quasi um seculo, desde 1097 até 1185, sahirá no decurso de janeiro de 1846. — Preço 1$200 réis. — Subscreve-se em Lisboa, na loja da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres n.° 45; em Coimbra, na de J. Orcel, na rua das Fangas; e no Porto, na de Moré, na praça de D. Pedro.

Não nos permitte hoje a occasião, nem porventura o fôra, de accrescentar nada mais ao prospecto que s acaba de ler. O nome do Sr. Herculano é de tamanha reputação, mormente no assumpto de que se tracta, que sería, pelo menos, ocioso, ajunctar a ESTE NOME outras recommendações.

—

N. B. Muitos outros artigos bibliographicos ficam demorados por falta d'espaço.

ROMANCES.

VIVER E PADECER.

III.

317 As sombras da noite começavam a escurecer a terra. As estrellas marchetavam o firmamento azul e puro, a brisa da noite fazia oscillar brandamente as hasteas dos arbustos, e das flores de um horto, situado a alguma distancia da cidade, e tirava-lhes mil aromas, mil fragancias, que o sôpro da aragem espalhava por aquelles arredores.

Era formoso e poetico, o terminar d'aquelle dia d'agosto. A estação, até alli tão inconstante e feia, recuperára a belleza e a suavidade proprias d'esta nossa terra. Dissera-se que n'aquelle dia a natureza se havia ataviado com todas as galas e primores, como se quizera despedir-se do verão, como se quizera ainda uma vez sorrir ás esperanças e ás illusões d'este reino, que d'alli a dois annos se havia d'involver n'uma mortalha, e jazer 60 annos em um tumulo meio aberto, a gemer de dor e de vergonha.

Mal que a noite havia principiado, allumiára-se uma janella da casa a que o horto pertencia; e quem de fóra olhasse attentamente, veria sombras passarem e repassarem, como se alguma extrema agitação pozesse em alvoroço os habitantes d'aquella casa.

E assim era. Havia 24 horas que a pessoa que habitava n'aquelles aposentos, fóra acommettida de um mal que se não havia podido curar nem explicar. Sahíra na vespera de tarde, como em certos dias costumava, e ao voltar, pallida, alterada de feições, e quasi que perdida a razão, sentára-se a escrever; e quando as pessoas do seu serviço haviam entrado no seu aposento, haviam-na encontrado lançada sobre o leito a gemer, e quasi que sem vida.

O medico que a veio ver, havia-a declarado perdida. Uma commoção, cuja origem desconhecia, tomára aquella mulher que ja de ha muito padecia, apodera-se-lhe da alma, havia invadido o coração, e a palidez que se lhe estampava no rosto, as convulsões e calefrios que lhe corriam pelo corpo indicavam que aquelle ente, de structura fraca e delicada, não poderia resistir por largo espaço aos embates da doenças e da morte.

O quarto em que estava era mobilado com riqueza; os moveis trabalhados com apurado gosto, as tapessarias finas que cobriam as paredes, e o adorno do aposento, elegante e bem disposto, tudo mostrava que a pessoa que alli jazia em seu leito de dor, esperando pela agonia extrema, pertencia ás classes elevadas, e que se os pesares e os padecimentos do coração lhe haviam definhado a existencia, ao menos as felicidades materiaes d'este mundo não a haviam abandonado.

Duas lampadas de bronze alumiavam o aposento. No recanto d'elle estava um leito coberto com cortinas de damasco, para que a luz viva das lampadas não fosse deslumbrar os olhos da moribunda, para que ao menos os seus ultimos trances não fossem mortificados pela presença do elemento a que para sempre ia dizer adeus. Tinha a cabeça reclinada no hombro: e como era ainda bella n'aquelle momento supremo! Ninguem dissera que 38 annos haviam corrido desde o dia em que nascêra aquella mulher; e todavia, os pesares e padecimentos do coração lhe haviam atormentado a existencia, reduzindo-a a morrer; — era similhante á flor do prado que o vento da tempestade quebrou, mas que pendida da hastea é ainda formosa e linda.

Aquelle ente que alli esperava pelo trance ultimo, era a mulher que na vespera havia estado na cathedral, que lá tivera o encontro que lhe apressára o momento extremo, — era D. Catharina d'Attaide, a mulher por quem o poeta infeliz sempre suspirava...

Sentada á cabeceira do leito estava uma aia. Havia

sempre sido a amiga de D. Catharina: educadas juntamente, vivendo e pensando do mesmo modo, quando a nobre senhora, ralada de pezares, sacrificada aos interesses de sua familia, ia encostar a cabeça contra o seu peito, e entre lagrimas e soluços desabafar as magoas que lhe estalavam o coração; Maria, a sua amiga da infancia, a confidente dos seus sonhos de fidelidade e amor, sempre tinha palavras de resignação e conforto, com que lhe mitigava os males.

D. Catharina abriu os olhos, e deitou a vista ao redor de si. Acordava de um instante de repouso, obtido por meio de uma bebida calmante que lhe aliviára o padecer interior, que a ralava, que a fazia morrer.

— Maria, disse ella com voz sumida, que hora deu... e elle sem chegar ..

— Senhora minha, não vos agiteis, elle hade vir, ha apenas um instante que ouvi 7 horas; estamos tão longe da cidade.

— Dizes bem, minha amiga, amiga de minha alma; elle não hade deixar de vir, não é assim?

— Em uma das paredes do aposento, havia dois quadros grandes, eram retratos de familia. Um d'elles representava o pai de D. Catharina d'Attaide. Estava revestido da armadura de cavalleiro, tinha uma phisionomia franca e leal, e fazia contraste com o outro retrato, que representava um homem muito mais moço, todo vestido de sedas, e com um aspecto triste e carregado. — Era o retrato do marido de D. Catharina, aquelle que os parentes a haviam obrigado a esposar, a quem ella estimára com devoção d'esposa, mas a quem nunca havia amado, com amor de mulher. Havia um anno que cessára de viver, e suo esposa continuára a ser-lhe tão fiel depois da sua morte, como havia sido durante a sua vida. Ainda na vespera estivera na cathedral, orando pelo repouso da sua alma.

Quando D. Catharina acabou de pronunciar as ultimas palavras, em que se traduzia a impaciencia que lhe agitava o espirito, deu com os olhos no retrato do marido: e um vivo rubor lhe assomou ás faces, e ergueu as mãos postas, dizendo: — ah perdoa-me lá no outro mundo!

Fexou os olhos, e parecia adormecida.

— Não ouves, disse ella pouco depois, abrindo os olhos, e estremecendo; estão batendo, alli, na vidraça....

— É aquelle salgueiro que está ao pé do regato, que alli corre por baixo das janellas; o vento da noite sacode-lhe as ramas que vem bater contra os vidros.

Um estremecer convulso agitou o corpo todo da doente; e quando poude fallar disse, tremendo-lhe a voz:

— Maria, não podes imaginar como estou padecendo, vem, aproxima-te de mim, — e chegava contra o peito a cabeça de Maria, que chorava dolorosamente.

— Não chores, disse-lhe D. Catharina, afagando-lhe os cabellos, ja pouco tenho que padecer, sinto que elle está muito proximo de acabar; e nem siquer ja terei forças para o ver...

— Porque fallais assim, não, não haveis de morrer...

— Como te inganas, respondeu-lhe ella, sorrindo com tristeza e melancholia, para que te illudes com essas esperanças; ja me vai faltando a vista... a morte, tenho-a aqui, sinto-a, dizia levando uma das mãos ao coração, suffoca-me, abafa-me... E não sei porque, custa-me a deixar este mundo sem o ver... Assim devia de ser; em um templo o vi pela primeira vez, e em um templo o devia ver pela última...

Outra convulsão a tomou, foi mais violenta, durou mais tempo, e tinha de ser a derradeira. Quando poude articular as palavras, disse com voz tão fraca, que mal se podia perceber, e levantando a custo a cabeça:

— Deixa-me abraçar-te pela extrema vez; se eu podesse apertar-te bem, bem, contra o coração... Maria, foste tu o ente que mais amei n'este mundo, e não te hades esquecer de mim, não é assim...

Calou-se um instante; depois tirou uma carta fexada debaixo da almofada sobre que repousava a cabeça, e entregando-a a Maria disse:

— Quando elle vier, da-lhe este escripto, dize-lhe que não me soffreu a morte que esperasse mais..... ja tenho a vista embaciada, aperta-me bem, assim,... meu Deus! disse ella reunindo todas as forças que lhe restavam, ouço ruido la em baixo, sintos passos.... um momento... um instante de vida... meu Deus dai-me.....

Não poude acabar, passou-lhe um calafrio por todo o corpo..... e espirou.

Maria, debulhada em lagrimas, quasi desmaiada, tinha querido chamar por soccorro; mas a agonia de D. Catharina fóra tão rapida, tão inesperada, que para isso não déra tempo.

Mal que D. Catharina d'Attaide havia dado o último suspiro, abriu-se a porta do aposento, e entrou o homem que ella na vespera encontrára na cathedral. Precedia-o uma criada, que o introduzíra no quarto, e que cahiu sem sentidos ao ouvir Maria que soluçando bradára — Morta, morta, perdida para sempre!

O poeta comprehendera tudo em um volver d'olhos. Precipitou-se para o leito, cahiu de joelhos, e apoderando-se de uma das mãos da defunta, apertou-a nas suas; — e as lagrimas cahiam-lhe em fio, e soluçava com dôr tão profunda, que parecia que se lhe despedaçava o coração.

E cobria de beijos aquella mão, que com a morte se tornára mais branca do que o marfim. Aquella mão, porque elle teria dado toda a sua vida para a podêr apertar contra o coração, tinha-a emfim no seu podêr, sentia-a entre as suas mãos, — estava fria, inanimada, sem vida,.... que importa? — tal como estava, presava-a como um thesouro preciosissimo, trocaria o resto da existencia para não dever nunca mais separar-se d'aquelle cadaver inanimado e frio.

Maria deu-lhe a carta que D. Catharina d'Attaide deixára para lhe ser entregue.

O poeta levantou-se, quebrou o feixo, e leu o que se segue:

« Não sei que sentimento me tomou ao vêr-vos, ha um momento, na igreja, aonde fui orar pelo repouso da alma do meu esposo. O amor que o meu dever de esposa me fizéra suffocar, votar ao esquecimento, que eu quiz sepultar no fundo do coração, renasceu, reviveu.... Não sei se lhe chame amor, a este sentimento que me afflige, que me despedaça o coração. Ralam-me as saudades d'aquelle tempo em que vos conheci, em que imaginava que a vida se havia de escoar tão doce como o murmurar de um arroio, correndo por entre flores,..... inganei-me, bem o sabeis vós. »

« Quando partistes a primeira vez para essas terras

tão remotas, la por onde a nossa má estrella vos fez andar errante e perdido, accommetteu-me a doença, estive ás beiras da sepultura; mas quiz o ceu, e ainda mal, que eu não morresse, que fosse mais largo o meu padecer, que me definhasse nos pesares. Fizeram-me esposa de um homem que eu não amava, a quem mal conhecia. Soube que havieis voltado da India, que vos haviam dito que eu ja não pertencia a este mundo; mas não quiz dizer-vos que ainda existia: alem disso, passava a vida tão retirada e sosinha, padecia tanto, que bem se podia dizer que ja não vivia..... »

« Estou escrevendo não sei porque nem para que fim. Pouco terei ja que viver, bem o sei; e so n'essa idea, esperança triste e melancholica, a unica que me resta, de tantas com que me illudi, so n'essa idea acho allivio e conforto. Talvez que ainda vos possa ver, antes de para sempre deixar este mundo, porque nem siquer devo pensar em que la no outro poderemos unir-nos.... não, as esperanças e as illusões d'esta alma, arrancou-as uma a uma o vento da desgraça, como as folhas de uma flor desfolhada pelo vento da tempestade; e as hasteas da pobre planta, ja meio sêccas, ao menor rigor da estação, tem de seccar e morrer..... »

« Não sei o que escrevo aqui, não me atina o pensamento com as ideas; adeus, so vos peço que quando entrardes em algum templo oreis por mim.....

D. Catharina não podéra continuar, a febre augmentára, e ella receiava que o delirio lhe viesse perturbar a imaginação, ja enfraquecida pelos pesares e pelo padecer continuado.

O poeta dobrou a carta com serenidade tão triste, com melancholia tão profunda e concentrada, que se diria que algum pensamento sinistro se encubria debaixo d'aquella frieza, d'aquella tranquillidade apparente, que tão mal se combinava com o seu natural arrebatado e violento. So duas lagrimas lhe cahiram pelas faces, mas eram d'essas que levam comsigo annos d'existencia, que envelhecem a alma, petrificam o coração.

Foi para o leito, e inclinando-se com respeito para o cadaver, depoz-lhe um beijo na fronte.... era o primeiro...

Depois passou a mão pelos cabellos, dizendo como para si mesmo:

— E agora que a vi morta, que me resta a mim, senão morrer tambem?.. Quero despedir-me de um homem, de um amigo, depois, dia e noite pedirei a Deus que me arranque ésta vida que me deu, que eu não posso ja soffrer; e se elle não quizer ouvir-me, então.....

Não acabou a phrase; terminou aquelle pensamento com uma exclamação dolorosa, que encerrava o receio de um crime, de um peccado.....

Com os olhos deu o extremo adeus ao cadaver que alli jazia no leito, ao que lhe restava de tudo quanto mais amára n'este mundo, e soltando um suspiro, sahiu do aposento.

Continúa. *D.*

VARIEDADES.

318 Escrevem á Revista o seguinte:

« Existem affixados na porta da capella de Linda-Velha, freguezia de Carnaxide, dois annuncios feitos pelo professor-regio de primeiras lettras da dita freguezia, que são assim regidos:

1.°

O Professor-Regio d'esta Freguezia por Mercê da Nossa Augusta Rainha, que Deus Guarde, Faz saber aos Respeitaveis Senhores d'este logar que na aula do mencionado se tem exercitado um Discipulo o qual seu Mestre o incontra âvel para podêr insinar as Primeiras Letras, e tambem goza de saber, e podêr insinar a Lingua Francesa, motivo porque o dito professor o offerece áquelas meninas, que se quizerem aproveitar de apprehenderem em suas casas a ler, escrever, e a lingua hoje dia da moda, por cujo motivo todas as Pessoas que se quizerem habilitar para o indicado fim poderão tractar com o Regente da Eschola sobre o objecto exposto. Em quanto á recompença do incommodo que se deve retribuir ô sugeito indicado essa será bem limitada, que não excederá quantia disporporcionada antes vantajosa a fim de ser util á mocidade Fiminina d'esta Freguezia

O servo Professor.....

2.°

Em Virtude do emanado Edital do Nosso Feliz Governo que hoje dia nos Rege; tenho a dizer aos Senhores d'este logar que em todo o Orbe Portugal não encontrarão uma Eschola com as favoraveis vantagens ã utilidade da mocidade. Uma Eschola em que os meninos encontrão ô serviço da mesma hum cento de livros, 100 papeis com dizeres diversos, 20 pedras para contas, 50 Taboadas, 50 Cartilhas, para os principiantes, papel e penas; tinta, e tudo o mais necessario para a perfeição das Primeiras Letras, e huma duzia ô mais de Livros Franceses para os curiosos; d'este modo parece mais que negligencia não se utilizarem alguns dos Pais de Familias de hum bem de tanta Felicidade para seus filhos, os quaes o lamentam quando chegão ã Jdade racionavel, como succede a milhões d'elles nos nossos dias, que o choram sem remedio; Por tanto corram todos a contentar o ardente zêlo da Nossa Amada Rainha, ésta Santa Soberana que se tem esmerado desde que nos fez felizes com o seu reinado, não tem cessado de gritar ôs seus Ministros sobre a educação da Mocidade; motivo porque na Aula Regia d'este logar se incontra hum Decreto da mesma Augusta Senhora de 1835 passado pelo seu Ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães com todo o rigor sobre o mesmo objecto: Assim o deu a intender o Grande Philosopho Socrates no Conselho que deu para a reforma da Republica d'Athenas desfallecida de seu bom Governo mandando pôr sumo cuidado na Educação dos Meninos e acrescentamento das Escholas, intendendo, que conforme o bom insino que tem na puericia, assim obram depoes quando homens; Bem o conheceu Jsaias quando pelas desordens, que viu em Jerusalem exclamou dizendo, Aonde está o Letrado, Aonde está o Mestre de Meninos, Viu o Santo Profeta que não havia naquella Cidade nenhuma Eschola para educação da puericia, e desta falta entendeu lhe provinhão todas as desordens ã sua Republica, donde claramente se vê a grande utilidade, que se lhe segue da boa Educação, o Homem he huma féra, um Lião, faltando-lhe a educação; Nero Jmperador dos Romanos porque o não sugeitarão ã educação mandou matar a propria may para ver as entranhas onde tinha

nascido, e Deos Guarde a quem o ler para tal lhe não suceder O Professor...

CORREIO NACIONAL.

319 As *fusões* estão na ordem do dia e da *noite*. Hoje não ha pontos mais debatidos que a *fusão* das sociedades philharmonicas, e a das emprezas dos theatros — Condes e Salitre. — Por toda a parte e a todos se ouve fallar n'estas duas maximas questões sociaes. Infelizmente não ha cadinho que possa operar, sem rebentar, éstas duas fusões d'elementos heterogeneos. A das philharmonicas parece que está dependente do *nome*: todos se dizem *philhofusões*, mas a lingua grega soa tão bem a alguns ouvidos (os verdadeiros philharmonicos) que o vocabulo *academia* não lhes póde sahir do orgão auditivo; toca-lhes o coração, e a susceptibilidade é ferida pungentemente. A lana-caprina sem Virgilio é indigesta coisa... Em quanto aos theatros, *dizem* que a Empreza do Theatro de D. Maria II é *dada* aos Sr.ᵃ Silva e Doux. Falla-se n'uma reacção-comica da parte da companhia dos Condes... e ha muitas mais coisas que nós não sabemos.

Sexta-feira será a 1.ª representação em San'-Carlos da dança-phantastica, *Palmina ou a nynfa do Orbe* (que é um riosito da Suissa no cantão de Vaud.) É composição do Sr. Martin, que pelo bom-gôsto dos bailados e *passos* que ja nos tem apresentado, faz esperar muito do seu talento coregraphico.

O Sr. Passos, habil operador da cidade do Porto, acaba de fazer (diz-se que pela primeira vez em Portugal) a difficil operação enterotomica (incisão no intestino para extracção de corpo extranho) com o mais feliz resultado.

No fim do mez de novembro existiam no Terreiro-público e abordo 11,734 moios de trigo, 1,215 de cevada, 444 de milho e 32 de centeio. Os preços regulavam de 380 a 580 rs. para o trigo, 200 a 320 rs. para a cevada, e 270 a 340 rs. para o milho.

Sr. Redactor. — Um facto bastante curioso, e em extremo raro, para que deixe de merecer publicidade, leva-me a rogar a V. o obsequio de o inserir no seu acreditado jornal, pelo que lhe ficarei muito agradecido. Hontem, 2 de dezembro, veiu parar ás bancas de dissecção da eschola medico-cyrurgica de Lisboa, o cadaver d'uma rapariga, que parecia ter pouco mais de vinte annos, e que offerecia uma anomalia digna d'attrahir nossa attenção. Desde a parte baixa do ventre, e da metade do dorso, a pelle se apresentava, até proximo dos joelhos, naturalmente negra ou melhor côr de bôrra de caffé; ésta notavel mancha, que fazia com que o cadaver se mostrasse como vestido de um calção, achava-se em toda a sua extensão semeado de abundantes pellos, espessos, asperos, quasi do comprimento d'uma pollegada, encontrando-se n'esta parte do corpo, que era a séde da coloração, uma grande similhança com a pelle de macaco. O resto da perepheria do cadaver achava-se desprovido de pellos e d'uma alvura que sensivelmente contrastava com a extensa mancha anegrada, so havia de notavel outra mancha analoga, maior do que o ambito d'um cruzado novo: ambos os bicos dos peitos eram cercados por outra nodoa, que teria sete pollegadas e meia de circumpherencia; mas faltas de pellos; finalmente no supracilio esquerdo, havia proximo á raiz do nariz, um tumor negro de um tamanho analogo a uma pequena cereja, e da superficie do qual erradiavam pellos grossos e rijos.

A eschola sentindo não podêr conservar uma peça tão rara, e querendo ter a imagem de um caso de tanta curiosidade, annuiu ás instancias do Sr. Dr. Bernardino e mandou immediatamente retrata-la. — *M. J. F. Branco* — alumno do 4.º anno.

Da Povoa de Lanhoso escrevem á REVISTA: — «No principio d'outubro último veiu accommodar-se em casa d'um lavrador da freguezia de Garfe d'este concelho, certo desconhecido, que se dizia enviado de Deus e companheiro de mais onze que junctamente se espalharam por este reino. A sua doutrina era toda baseada em santidades, e debaixo d'esta firma prégava o fim do mundo lá para o anno de 1846, que se assignalaria por quatro grandes lizeiros aos quatro ventos: porém que ao mesmo tempo aconselhava a descuberta de valiosos thesouros!! Por meio de orações affirmava curar tudo, e dava a mão a beijar aos mesmos que o aturavam em casa. Assim ia vivendo menos mal, porem o administrador do concelho que não admitte segunda ordem de apostolicos, logo que soube d'isto, mandou-o ir á sua presença, onde declarou chamar-se João Ribeiro, casado, negociante, do logar dos Pinheiros, do Concelho da Batalha districto de Leiria, e assim o enviou de presente ao governador civil, para d'elle dispor como conviesse. — Os povos ficaram de bocca aberta a chorar por elle, e não poucos eram ja d'estes os que accreditavam nas suas imposturas grosseiras.»

No tribunal da Relação de Lisboa, no anno que decorre de 1 de novembro de 1844 a 31 d'outubro de 1845, foram julgadas 1,412 causas civeis e crimes, e acham-se pendentes 1,641.

O tenor que annunciámos haver chegado para o nosso theatro italiano, chama-se Landi; vem do theatro de Lecco onde cantou em outubro no *Ernani* com a Barili e o baritono francez Peri. Como fallámos n'este último diremos incidentemente, que elle acaba de chegar a Paris em companhia da condessa Somailoff, viuva russa grandemente apaixonada pela musica. Ésta enthusiasta amadora espera de San'Petersburgo a necessaria licença para casar com o joven artista; mas se ésta lhe for recusada a condessa está na resolução de sacrificar a sua fortuna ao seu amor. O Sr. Landi hade debutar na 'Maria Padilla,' opera de Donizzetti, ainda não ouvida no theatro, e cujos ensaios vão ja adiantados. A Sr.ª Remolini não é dama *assoluta*, como disseramos, mas *comprimaria*.

Parece que o govêrno ja tem recebido propostas para construcção de carris-de-ferro em Portugal, na conformidade das bases que offerecêra.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

Os proprietarios editores da REVISTA, vendo a popularidade extraordinaria que ésta obra tem alcançado, quando publicada em fragmentos nas columnas do seu jornal, intendem fazer um serviço ás lettras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro para melhor se podêr avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu estylo inimitavel, a philosophia profunda que incerra, e sôbre tudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, ja quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, ja quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezes.

As VIAGENS NA MINHA TERRA são um d'aquelles livros raros que só podiam ser escriptos por quem, como o auctor de CAMÕES e de CATÃO, de D. BRANCA e do PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA, do AUTO DE GIL-VICENTE e do TRACTADO DA EDUCAÇÃO, do ALFAGEME e de FR. LUIZ DE SOUZA, do ARCO DE SANCT'ANNA e da HISTORIA LITTERARIA de PORTUGAL, de ADOZINDA e das LEITURAS HISTORICAS e de tantas producções de tão variado genero, possue todos os estylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe; — por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia — voa ás mais altas regiões da lyrica, da epopeia e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficieis trivialidades da comedia; — por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, póde dar-se todo ás mais aridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redige com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tem entre nós, uma lei administrativa ou de instrucção pública, uma constituição politica, um tractado de commercio.

Orador e poeta, historiador e philosopho, critico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e fallando correctamente as extranhas — educado na pureza classica da antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas — da meia-edade, da renascença e contemporanea — o auctor das VIAGENS NA MINHA TERRA é igualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucidides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakspeare e Euripedes, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos-Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna teem produzido. Ve-se isto dos seus escriptos, e especialmente se ve d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto somente, elle não faria o que faz se não junctasse a tudo isso o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplomaticos e homens d'Estado, no parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes — e nos salões em fim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as fatuidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem enriquecido a nossa lingua, é ésta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu; mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastissima, a sua flexibilidade de estylo espantosa, uma philosophia transcendente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que póde denunciar em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fé. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta fôrça e dexteridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rara vez toma nas mãos — veja-se que é sempre contra a

hypocrisia, contra os sophismas e contra os hypocritas e sophistas de *todas as côres* que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. Ainda as suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre individuos; ve-se que despreza a facil vingança que, com tão poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem por cada dicterio insulso e ephemero com que o teem pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus emulos com esse desprêzo do homem superior que se não appercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação do septicismo, ainda dizemos que não póde ser septico o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintar tão vivos, characteres de crenças tão fortes como o de Catão, de Camões, de Fr. Luiz de Sousa, — e aqui n'esta nossa obra, os de Fr. Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as VIAGENS NA MINHA TERRA: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo; dizemos somente o que todos dizem e o que todos podem julgar ja.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação ésta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigil-a elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá melhorada do que primeiro se imprimíra.

VIAGENS NA MINHA TERRA

POR

ALMEIDA GARRETT.

BELLA EDIÇÃO CORRECTA E NITIDA, REVISTA, AUGMENTADA E ILLUSTRADA PELO AUCTOR.

DOUS VOL. 8.vo

O primeiro volume sahirá nos primeiros dias do anno que entra; o segundo seguirá immediatamente.

As pessoas que quizerem assignar deverão fazel-o até ao fim do presente anno.

Preço para os assignantes somente 480 rs.

ASSIGNA-SE: em Lisboa, no Escriptorio da REVISTA-UNIVERSAL, rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar; no Porto, Francisco José Coutinho, na Typografia Commercial Portuense, em Coimbra, Joaquim Maria Soares de Paula, na Imprensa da Universidade, em Faro. José Coelho de Carvalho, em Braga, Luiz do Amaral Ferreira, rua da Fonte da Carcova n.° 23, em Evora, José Mathias Carreira, na Terceira, Lucas José Chaves, no Fayal, Manuel Maria Madruga de Bettancourt, em S. Miguel, Sebastião Tudury, no Rio de Janeiro, Agostinho de Freitas Guimarães e Comp.ª, no Pará, Luiz Francisco Collares, e em Pernambuco, Izidoro Luiz de Souza Monteiro.

Por ésta occazião se roga aos Srs. assignantes das provincias, que estejam devendo alguma importancia de suas assignaturas da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, queiram sem falta, e com brevidade, effectuar seu pagamento, fazendo a remessa directamente pelo correio, ou como mais commodo lhes fôr, ao administrador M. M. C. Seabra, n'este escriptorio, rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar, ou aos correspondentes acima indicados.